

## **Famílias em transição: desafios para a sociedade e Igreja**

**Valbúrga Schmiedt Streck\***

**Resumo:** O texto discute a influência das mudanças culturais sobre a estrutura da família nuclear. Observa-se que, sem referenciais seguros, a geração adulta tem insegurança para educar seus filhos. As instituições Igreja, Estado, Família, em torno das quais a sociedade se organizava, perdem a sua relevância como orientadores morais, e as pessoas se encontram livres para construir suas identidades. Pergunta-se sobre o papel da Igreja frente às mudanças ocorridas no sistema familiar. Para a Igreja, a mudança em que a família e a sociedade se encontram é um desafio especial, porque ela precisa alterar seu conceito de família nuclear patriarcal, dando espaços às pessoas que não cabem nas estruturas idealizadas de família: os divorciados, os solteiros, os homossexuais.

**Resumen:** El texto discute la influencia de los cambios culturales sobre la estructura de la familia nuclear. Se observa que en referenciales seguros la generación adulta tiene inseguridad para educar a sus hijos. Las instituciones Iglesia, Estado, Familia, alrededor de las cuales la sociedad se organizaba, pierden su relevancia en cuanto orientadoras morales y las personas se encuentran libres para construir sus identidades. Se pregunta sobre el papel de la Iglesia frente a los cambios ocurridos en el sistema familiar. Para la Iglesia, el cambio en que la familia y la sociedad se encuentran es un desafío especial, porque ella necesita alterar su concepto de familia nuclear patriarcal, dando espacio a las personas que no caben en las estructuras idealizadas de familia: los divorciados, los solteros, los homosexuales.

**Abstract:** This study describes how the cultural changes of the last four decades have affected the modern nuclear family. Without clear references, the adult generation is insecure in the education of their children. The Church, the State and the Family as institutions that traditionally used to offer guidelines on moral issues lose their relevance and persons are free to construct their own identities. The question raised is about the role of the Church in the context of these changes. For Church and society the change through which family and society are going presents a special challenge since they have to alter their concept of the nuclear patriarchal family, opening space for persons who do not fit into the idealized family model: the divorced persons, the singles, the homosexuals.

---

\* Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Valbúrga Schmiedt Streck é professora de Aconselhamento Pastoral na Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo, RS.

A família, independentemente do que se diz dela, sempre foi considerada uma das mais importantes instituições, porque se entende que o bem-estar social depende dela. Entretanto, as grandes mudanças culturais afetam também as estruturas familiares e, com isso, as famílias estão apresentando mudanças nas suas formas de se organizar. Alguns acham que a família vai desaparecer, outros dizem que ela sempre se encontrou em constantes mutações no curso da história da humanidade. O certo é que o modelo “normal” de família de algumas décadas atrás não pode ser comparado com o que vemos no nosso cotidiano. Padrões familiares considerados normais para as pessoas nascidas na década de 30 e 40, onde se passava do namoro ao noivado e depois ao casamento, parecem absurdos para pessoas nascidas nos anos 80. Além disso, a expectativa de vida aumentou significativamente no Brasil e no mundo, e isso faz com que um casamento por toda vida possa significar estar 60 a 70 anos juntos. Bodas de ouro não são raridade em casos onde os casais não se separaram. Antigamente, comemorar bodas de ouro era raro, pois dificilmente as pessoas viviam tanto tempo. Muitos se preocupam com o alto índice de divórcios, com a tendência da juventude atual de não casar e simplesmente morar junto ou com o aumento de filhos de mães solteiras. Além disso, há outras opções para a vida das pessoas além do casamento que, para as mulheres outrora, era o passaporte para uma identidade. Uma moça que não casa pode perfeitamente ser uma profissional e ter sua identidade nos dias atuais.

As instituições, e – é claro – também as tradições, estão em crise. Em países em desenvolvimento isso parece afetar mais ainda o tecido social. As igrejas cristãs, que serviam de parâmetro e apoio para as redes familiares, estão igualmente em crise e precisam reinventar e recriar novas formas de orientação e apoio às comunidades. Recentemente, pastores da Igreja Luterana se perguntaram se a família ainda estava no plano de Deus<sup>1</sup>. A preocupação era a desestruturação social que se acentua em países pobres e em desenvolvimento. Tendo essa preocupação como ponto de partida, o objetivo deste texto é refletir sobre essas mudanças que estão em curso, mostrando que a família nuclear burguesa não é uma ordem de criação divina como alguns querem. Por isso, intenciono, primeiramente, trazer algumas vinhetas do contexto brasileiro que ajudam na reflexão da mudança cultural das últimas décadas. Num segundo momento, verifico como a família se organizava através da parentela no Antigo e Novo Testamentos, até

---

1 Tema de um encontro de Formação Continuada de Obreiros da IECLB.

a época medieval. Em terceiro plano, olhamos a família nos tempos da Reforma, quando Lutero diz que o homem e a mulher devem “tornar-se amigos em Cristo”, compartilhando dos prazeres e tarefas da vida, e isso se concretiza na família. É o surgimento da família moderna, que se manifesta como a família nuclear burguesa, difundida como a família ideal. O quarto ponto é uma reflexão sociológica das mudanças culturais e suas implicações para a família que deixa de ser patriarcal.

## **1 - A mudança cultural e as famílias brasileiras**

Uma professora que leciona em um colégio de classe social alta comenta que “o grande problema é a desestrutura familiar” e que 80% de seus alunos vem de lares onde os pais são separados. Para ela, as aulas em segunda-feira são uma tortura, pois os alunos passaram o final de semana com um dos pais e “voltam com a cabeça tonta de tanto ouvir coisas [...] elas precisam se readaptar ao pai com quem moram e com isso iniciam a semana enfrentando uma nova situação”. Num programa de TV, uma psicóloga dá uma entrevista sobre a negligência dos pais em relação às crianças: as crianças “recebem o material, mas não o afeto”. Comenta-se que está sendo educada uma geração que quer tudo e nunca está satisfeita com o que tem. Já um outro programa de TV trata de famílias separadas e como os filhos manejam a situação. O programa é alusivo ao dia dos pais e enfoca principalmente como as crianças festejam este dia na situação onde o papai tem outra família. Num caso apresentado, temos os filhos felizes com duas moradias – um quarto na casa do pai e um outro na casa da mãe. Dizem as crianças que “é legal, pois têm tudo” o que querem. Porém, a mãe com quem moram, se dedica inteiramente aos filhos. Falando de recasamento de mulheres, uma mulher comenta que não se casou de novo, pois precisa morar com a filha de 24 anos, já que esta não tem condições de morar só. Assim, a mãe tem um “namorido” há 15 anos, mas só para os finais de semana. Numa outra conversa com jovens ficamos sabendo que os pais de um jovem de 19 anos se separaram, porque o pai estava namorando a melhor amiga da esposa. Contou que a mãe, após a separação, fez um grande esforço para achar um namorado. Diz que ela “teve sorte” e o achou na internet. Sendo o namorado mexicano, a mãe decidiu vender tudo o que tinha e foi viver no México. Lá ela mora com o novo companheiro e o filho adolescente deste. O pai casou com a namorada e o casal tem um filho de oito meses. O bebê passa o dia na creche, enquanto que a mãe trabalha. Nos finais de semana, o bebê vai para a casa da empregada, porque o casal quer

ter tempo para se curtir. O rapaz mora sozinho num apartamento. Nas novas configurações familiares também encontramos um aumento de mulheres jovens que abandonam suas famílias e vão viver com um novo companheiro. Reorganizam suas famílias e, em muitos casos, têm pouco contato com seus filhos do primeiro casamento. Com isso, cresce o número de homens criando sozinho os seus filhos. Há um afrouxamento da coesão da família em todas as classes sociais que parece estar vinculado às mudanças culturais em curso na pós-modernidade.

## **2 - Famílias nucleares não são ordem de criação**

No sistema patriarcal que dominava as civilizações durante quatro mil anos aproximadamente, o papel do homem como chefe e provedor da família era incontestável. O homem como cabeça e a mulher como corpo é a metáfora que indica a submissão e a inferiorização do papel feminino em relação ao masculino. No Antigo Testamento, a família é uma instituição patriarcal que garante ao homem a sua descendência. O casamento era entre pessoas adultas e um pertencia ao outro (Êx 21.3ss; Dt 24.4), sendo o homem o cabeça da casa. A mulher saía de sua casa (seu clã) e entrava no clã do marido. O homem pagava com seu trabalho para ter a mulher (Gn 24.1ss; Êx 22.16; Gn 29.1-20). A história de Abraão, Sara e Agar ilustra o conflito quando a mulher não consegue dar descendentes ao marido (Gn 16.1ss). Também exemplifica como uma mulher é excluída da parentela (Gn 21.8ss). Creio que a história da família de Abraão é uma das narrativas mais ilustrativas que temos de como devem ter funcionado as famílias da época. Não se falava em família, mas em “casa” – a casa de Davi, por exemplo. Isso incluía toda a parentela que vivia sob o cuidado do patriarca. O casamento era importante não só para a pessoa, mas também para garantir a sobrevivência do povo, gerando descendentes. Assim, as famílias eram a base elementar das comunidades (Gn 1.27).

Mesmo que o cristianismo, em princípio, tenha quebrado o mito patriarcal e Cristo tenha aceito as mulheres como suas seguidoras, não tardou para que as estruturas patriarcais reaparecessem com a influência romana e no matrimônio fosse exigido que as mulheres obedecessem a seus maridos (Ef 5.22ss). É importante ressaltar também que no Novo Testamento a ênfase não é em famílias nucleares como ordem de criação. Se, no *Sermão do Monte*, Jesus diz “Quem olhar para uma mulher e desejar possuí-la já adulterou em seu coração” (Mt 5.28), não se refere à idéia de famílias nucleares. Jesus está preocupado com as mulheres que, ao serem cobiçadas pelo

homem patriarcal, serão excluídas de sua parentela. No contexto patriarcal, a monogamia era a regra, mas a poligamia entre os homens não era vista como algo anormal (Gn 30.28). Podemos imaginar o que acontece com uma mulher que trai o marido e recebe o divórcio e é excluída da parentela. Ela não tem muitas opções. Não havia escolhas como para mulheres do século XXI: essas mulheres não tinham profissão, não possuíam dinheiro para se alimentar, e ter uma vida independente era impensável. No tempo de nossas avós não era muito diferente. As mulheres eram apoiadas ou excluídas do sistema, conforme o que “convinha para a honra familiar”. Aqui vemos de novo a grande mudança cultural que aconteceu em poucas décadas. Um outro aspecto que é importante ressaltar é que casamento e família vêm juntos, tanto no Novo Testamento como no Antigo Testamento. Nas sociedades rurais a descendência é importante.

No contexto da Idade Média, a influência de Agostinho dominou com os conceitos de que a natureza sexual do homem e da mulher, herdada de Adão e Eva, era algo negativo e evitável, tendo isso influenciado a Igreja ocidental a ponto de entender que o ato sexual só serve para a perpetuação da espécie. O amor entre marido e mulher não era visto como o amor-paixão, mas como um amor entre dois amigos. O amor-paixão não serve para o casamento, pois o destrói. Nas sociedades antigas, o casamento era escolhido pelo clã familiar, de semelhante forma como ainda é na Índia, onde as famílias pagam um dote para a família do noivo. O papel da mulher era cuidar da casa, obedecer ao marido e ter filhos. Na família medieval, o casal e os filhos estavam envolvidos no modo de produção, e cuidar dos filhos era algo secundário que acontecia ao lado das tarefas domésticas. Com sete ou oito anos, as crianças deixavam a casa e iam trabalhar em outras casas. Muitas nem viam mais os pais, e cabe lembrar que isso acontecia também entre as famílias abastadas<sup>2</sup>.

Durante a Idade Média, encontramos vários tipos de famílias. Muitas vezes, eram grupos de mais famílias vivendo juntas. A coletividade era normal, tanto em banhos como em latrinas, e as camas eram repartidas por adultos e crianças. Esses podiam ser os pais, tios, avós, primos e filhos. Sem aquecimento, os corpos se aconchegavam para achar calor, e podemos imaginar o que acontecia numa situação onde o conceito de criança era bem diferente do nosso. Dificilmente, as pessoas estavam sozinhas, o que significava tam-

---

2 ARIÈS, Philippe. **Centuries of Childhood: A Social History of Family Life**. New York: Vintage Books, 1962.

bém que estavam protegidas nos lugares escuros numa época em que havia pouca iluminação.<sup>3</sup>

### **3 - A modernidade e a família nuclear burguesa**

Com o fim da Idade Média, começa uma nova fase: a descoberta do indivíduo. Agora o indivíduo olha para si, ora sozinho, e quer ficar sozinho. Nesse cenário surge a reforma da Igreja e uma nova concepção de relacionar-se com o outro. Mesmo assim, nos séculos seguintes, o sistema patriarcal econômico e familiar, baseado no poder do homem, não se extingue. Surge, porém, um novo conceito de relações entre as pessoas. Quem já visitou igrejas e museus na Europa certamente ficou maravilhado com as pinturas e esculturas. A população européia, na maioria analfabeta na época renascentista, também ficou deslumbrada com a beleza dos quadros e das construções imponentes dos templos. E nada melhor do que contar histórias através de quadros quando se quer transmitir como é o mundo ideal e que a igreja é o lugar por onde passa o caminho para chegar lá. Assim, também a família ideal é retratada através da família santa. Há incontáveis quadros da madona e do menino Jesus. José nem sempre aparece. É dessa forma que os quadros nas Igrejas vão educando o povo e trazendo para eles o ideal de uma moral. A família agora é vista como parte da criação de Deus: o amor do pai para com a sua família (Ef 5.23) se compara ao amor que Deus tem pela Sua criação, bem como ao papel do rei em relação ao seu povo. A alusão a Deus, governante e pai, segue na mesma linha, tornando evidente o patriarcalismo. O papel da mulher é de obedecer e servir. Na França no século XVII, Rousseau se preocupa com a educação do Emílio e vai contribuir para que as mulheres eduquem seus filhos, e isso faz com que, no romantismo, se introduza o ideal de família também em outras partes da Europa<sup>4</sup>.

Na Alemanha no século XVII, um quadro da família de Lutero mostra uma imagem de harmonia e paz na noite de Natal. É um quadro reproduzido (três séculos depois da época de Lutero, em pleno romantismo) para ser pendurado nas paredes das casas de pastores luteranos. É um protótipo do que significa uma família ideal e vai servir para a modelagem das famí-

---

3 DUBY, Georges (Org.). **História da vida privada**: da Europa feudal à Renascença. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. v. 2.

4 ROUSSEAU, Jean-Jaques. **Júlia ou a Nova Heloísa**. São Paulo: Hucitec, 1994. BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

lias das comunidades protestantes. No quadro, vemos um pai tocando viola e os filhos mais velhos cantando, a mãe com uma filha nos braços. Na mesa, está sentado Melanchthon tomando uma cerveja e apreciando o calor dessa união familiar. Nota-se claramente a hierarquia do pai que se destaca como chefe da família. Já o papel de servir os hóspedes e cuidar dos filhos cabe à mulher. Olhando bem para o quadro, vemos a harmonia que reina ou deveria reinar no lar. Ele contribui de forma significativa para um ideal de família que, na realidade, é “fabricado”.

Na família de Lutero, as coisas não eram bem assim. Aqueles que assistiram ao filme *Lutero* lembram que ali aparece uma Kätke que não é submissa e que tem a sua posição. Sabemos também que o casamento deles não é um casamento de duas pessoas apaixonadas. Lutero se sentiu responsável pelas freiras que fugiram do convento e, com sucesso, arranja casamentos entre elas e seus amigos. Katharina ficara noiva de um nobre rico, mas o noivado se desfaz, porque o pai do noivo, ao saber da situação, ordena que o rapaz volte para casa. Tendo sobrado Katharina, Lutero casa com ela em plena guerra dos camponeses. Ela assume a administração da casa de tal forma que produza alimentos não só para a própria família, mas para outros parentes que vivem com eles e para uma rede de pessoas que estão temporariamente na sua casa. E havia em torno de 40 pessoas no dia-a-dia na casa dos Luther, que comiam e dormiam lá. Há suspeitas de que, sem a administração firme e competente de Katharina, Lutero teria se afundado no caos e a reforma não teria sido realizada.

Há apenas uma carta de Katharina para Lutero, mas há várias dele para ela. A partir dessas cartas, fica-se sabendo que ele a via como uma mãe abnegada e uma administradora competente. Ela se preocupa com o estudo dos filhos e é capaz de dar muita força aos membros da família, apoiando Lutero no seu trabalho, inclusive discutindo com ele os textos que escrevia e também o questionando. Lutero a chama de *senhor Katharina*. A vida de Katharina muda com a morte de Lutero. Naquela época, as mulheres não podiam ter propriedades e necessitavam de tutores, e assim sucedeu com a esposa de Lutero. Devido à guerra e ao abandono dos amigos, Katharina acaba na pobreza. Mesmo assim, ela não pára de lutar, preocupada com o futuro de seus filhos, e morre numa viagem, após cair de uma carroça.

Como vemos, a história real tem passado longe do ideal do quadro. A família real de Lutero parece se assemelhar mais ao quadro atual, onde as mulheres tomam decisões e são emancipadas, exceto que os direitos políticos estavam ausentes quando não havia um homem responsável por elas.

Mas, sem dúvida alguma, a concepção do casamento a partir da reforma protestante traz grandes modificações para as famílias e casais. Queremos mencionar algumas. O fato de que o povo devia ser alfabetizado e aprender a ler a Bíblia é uma revolução em si como nunca antes acontecera. Não é mais só o homem, mas também são as mulheres que têm acesso à leitura. Primeiro é o homem, ou o pai de família, que lê em voz alta, e depois toda a família lê. Na imigração alemã se constrói a escola ao lado da igreja. Essas são inseparáveis, e isso também faz com que o casal se aproxime e tenha mais intimidade. E é aqui que precisamos olhar quando procuramos pelas raízes da aproximação e intimidade entre homem e mulher. Família e paternidade agora são compreendidas como parte da criação de Deus (Gn 1.27ss).

Assim, no meio desse mundo, vai se impondo, aos poucos, uma moral advinda da reforma, tanto católica como protestante, que será ensaiada nas classes burguesas. É o lugar onde se cultivam novos valores individualistas e onde novos afetos são ensaiados. Casamento para Lutero é um assunto civil e não sacramento como na Igreja Católica. Para Lutero, homem e mulher se tornam amigos que compartilham tarefas e prazeres da vida. Um vive para o outro<sup>5</sup>. É o ministério de pai e mãe que eles assumem juntos. A tarefa de lavar fraldas também cabe ao homem! Mas não podemos esquecer que, para Lutero, o homem é o cabeça que deve ser obedecido pela mulher! Ela deve ceder e deixar que ele tenha razão. Isso fica claro desde o início do matrimônio. No manual da bênção matrimonial, Lutero diz que o “marido é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja, e ele é salvador do seu corpo. Assim, pois, como a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres estão sujeitas aos maridos em todas as coisas” (Ef 5.22-24)<sup>6</sup>.

Quando os imigrantes alemães chegam ao Brasil, e com eles a Igreja Luterana, encontram uma variedade de modelos familiares ao lado de uma família patriarcal brasileira. Os próprios imigrantes vão trazendo constelações familiares novas. Muitos morreram nos navios e deixam viúvos e viúvas com filhos, outros são jovens e deixaram suas famílias para trás. Assim, vamos tendo famílias nucleares, várias famílias morando juntas, casais morando sozinhos, famílias em que empregados, filhos de parentes e ami-

---

5 STRECK, Valburga Schmiedt; SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. **Imagens da família: dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar.** São Leopoldo: Sinodal, 1996. p. 46.

6 LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas.** São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995. v. 4, p. 286.



gos moram juntos. Era comum que os avós morassem com os seus filhos, bem como outras pessoas co-residindo, temporariamente, na mesma casa. Essas podiam ser empregados ou pessoas foragidas. Os avós com seus filhos maiores ajudavam a criar os filhos pequenos de uma filha que ficou viúva ou de parentes empobrecidos. Um colono que vivia sozinho com sua esposa e seus dois ou três filhos certamente tinha dificuldades de sobreviver frente às exigências para manter suas terras. É claro que as crianças, desde cedo, ajudavam a trabalhar. Essas famílias passavam o dia juntas e repartiam o trabalho e a vida doméstica.

Cabe mencionar que até o século XVIII o papel de mãe não é discutido e ele surge apenas com Rousseau. O bem-estar da criança não dependia da mãe e as crianças eram mais uma boca a ser alimentada. Por isso, com quatro ou cinco anos, elas começavam a ajudar nos trabalhos domésticos e, com sete a oito anos, iam trabalhar em casa de outras famílias. Além do mais, a grande mortalidade infantil fazia com que os pais não se apegassem aos seus filhos como acontece na atualidade.

Os casamentos, em geral, eram arranjados pelos pais ou parentes e, quando isso não acontecia, havia grande probabilidade de uma orientação para que a/o filha/o casasse com alguém que pudesse se enquadrar bem no sistema de trabalho e de vida familiar do/a cônjuge<sup>7</sup>. Se fizermos um estudo das histórias de Grimm, seremos surpreendidos com o grande número de madrastas más que tiranizam as enteadas, de mães pobres que têm que criar seus filhos sozinhos, de órfãos abandonados ou de pais que moram sozinhos com seus filhos. Quem não se lembra da Gata Borralheira ou da Branca de Neve? Se alguém já se ocupou com a história de sua família, vai encontrar muitas situações como essas e talvez se lembre da avó contando da madrasta ou que, após a morte do pai ou da mãe, seus irmãos foram distribuídos entre os parentes.

Muitos casais ainda marcam seus anos de casamento, festejando as bodas de prata, ouro e diamante. As bodas de ouro eram um acontecimento raro e de grande significação nas comunidades, porque poucos casais tinham o privilégio de festejá-las: a expectativa de vida devido às doenças simplesmente não o permitia. Cabe dizer que as doenças, partos, guerras e revoluções faziam com que o ciclo vital das famílias com frequência era interrompido. Na Europa, por exemplo, havia guerras constantemente e

---

7 STRECK, Valburga Schmiedt. **Terapia familiar e aconselhamento pastoral**: uma experiência com famílias de baixos recursos. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 53-85.

muitos homens e jovens morriam, cabendo às mulheres administrar sozinhas as suas casas e criar os seus filhos. Em muitas famílias, os filhos enteados e meio-irmãos viviam juntos. Temos relatos de crianças que viveram sem os pais, porque estes morreram na guerra. Nos registros de batismo nas igrejas européias, há muitos filhos ilegítimos, o que indica que estes aumentavam quando havia guerra. Há notícias de registros onde há mais filhos ilegítimos que legítimos. É importante mencionar que a palavra *família* surge no vocabulário alemão apenas no século XVII. Antes, falava-se em *Haushalt* ou unidade doméstica. *Haushalt* significa os pais, os filhos, os empregados, parentes e inquilinos que moravam juntos. Se havia mais gerações vivendo juntas, isso não era por muito tempo, já que a expectativa de vida era de 35 a 40 anos. Assim, grande parte das pessoas com 28 a 30 anos já havia perdido seus pais.

Isso nos mostra que a família nuclear burguesa, na realidade, nunca existiu como uma regra, mas como um entre vários modelos e arranjos familiares que co-existiram no curso da história. No período pós-guerra e com o advento dos modernos meios de comunicação, a propaganda de uma família constituída pelos pais e dois filhos vem sendo difundida. É a época em que o Brasil se urbaniza e as grandes famílias, tão necessárias para a agricultura, deixam de ter importância. Por outro lado, a economia não permite mais uma família numerosa. A idéia da família burguesa nuclear se impregnou de uma forma muito forte no nosso ideal de família, e não podemos esquecer que ela é um produto da modernidade e do sistema capitalista europeu<sup>8</sup>.

A família nuclear burguesa no nosso contexto teve uma vida muito curta e praticamente nunca existiu. Sabemos que também a Igreja tem se apoiado no ideal da família nuclear patriarcal, como já mencionamos. E isso fez com que as pessoas tivessem que lidar com essas duas imagens. Por isso, há a família pensada e a família real que co-existem. A família pensada é aquela onde há o pai, a mãe e os dois filhos (de preferência, um casal de filhos), e a real é a que existe no cotidiano, seja ela como for.

É apenas no início do século XX que começamos a ter o ideal da família nuclear pequena: pai, mãe e, preferencialmente, dois filhos. E é no final da Segunda Guerra e, principalmente, na década de 60 que se estabelece o casamento com uma propaganda excelente através dos filmes de

---

<sup>8</sup> MOKROSCH, Reinhold. Befreit die Kleinfamilie. *Zeitzeichen - Evangelische Kommentare zu Religion und Gesellschaft*, ano 5, n. 4, p. 31, abr. 2004.

Hollywood. É o casamento por toda a vida de um casal heterossexual, que vai ter mais de um filho (mas não muitos), vai se amar para sempre e ser fiel mutuamente. A família é concebida como pais e filhos, e as outras pessoas não mais fazem parte desse núcleo familiar. A família é uma esfera privada e ali se busca regeneração, recuperação e distância do mundo exterior, principalmente do trabalho. Surge a idéia do “lar, doce lar”. O ideal é que, nesse modelo familiar, o homem trabalhe e a mulher fique em casa cuidando dos filhos. Outros arranjos familiares deixam de ser considerados famílias.

O que temos na atualidade é a pluralização dos modelos familiares, e o monopólio das famílias nucleares termina. O afrouxamento do casamento, algo impensável há anos, agora não é mais um problema. O casamento e a família não vêm mais juntos e casais podem optar se querem ou não ter filhos, se querem filhos sem estar casados ou se vão ter filhos e depois casar. Nem se pergunta mais pelo *status* marital no dia-a-dia. Observa-se que, em famílias reconstituídas, as crianças deixam de ter a imagem de pais que vivem juntos, e famílias para elas são as pessoas que estão próximas como os avós, os tios e amigos. Assim, família é sempre aquele grupo de pessoas que vive junto enquanto está junto. A tendência é entender a família como algo que deve ser constituído, cuidado e organizado pelos membros e isso vai depender muito da cultura, da classe social e da época em que se vive<sup>9</sup>. Assim, podemos dizer que não é a família que se pluraliza, mas o entendimento que temos do que significa família.

#### **4 - A mudança cultural e o fim da família patriarcal**

Conforme a análise sociológica, nas últimas quatro décadas houve grandes mudanças sociais no mundo inteiro e também na sociedade brasileira. Nós nos tornamos um país urbano e moderno que, em muitos aspectos, se assemelha aos países do Norte. No campo educacional, damos saltos enormes com universidades que formam mestres e doutores e somos capazes de produzir pesquisas reconhecidas internacionalmente. O outro lado é a pobreza e a exclusão sociais que estão aí nos lembrando sempre de novo do lado obscuro da nossa história. Mas, não bastasse isso, também preocupa a assim chamada “desestruturação social”, em que os números de divórcios aumentam, o índice de mulheres que têm filhos antes dos 20 anos é

---

<sup>9</sup> BECK-GERNSHEIM, Elisabeth; BECK, Ulrich (Org.). **Riskante Freiheiten**. Frankfurt am Main: Surkamp, 1994. p. 48.

cada vez maior, assim como também aumentam os índices de violência, fazendo vítimas, principalmente, entre a geração jovem masculina. A mudança do contexto social não é sentida apenas no Brasil ou na América Latina, mas pode ser observada mundialmente. E são os países em desenvolvimento os mais atingidos, porque os laços sociais vão se rompendo devido à sua fragilidade.

Creio que uma das melhores explicações para compreender esse fenômeno é a do sociólogo Manuel Castells. Na análise que faz do contexto mundial atual, Castells diz que estamos no fim do sistema da economia patriarcal e, com isso, também chega ao final a *família patriarcal*<sup>10</sup>. O sistema patriarcal dominou a cultura e, é claro, o sistema de economia durante aproximadamente quatro mil anos. As mudanças são desencadeadas por quatro elementos que se conjugam simultaneamente. Essa conjugação faz com que em nenhuma época anterior na história tivéssemos assistido a mudanças tão radicais que afetassem globalmente a sociedade.

Em primeiro lugar, a partir da década de 60, os modernos meios de comunicação começam a invadir o mundo, e as pessoas se comunicam via telefone, internet e televisão globalmente. Além do mais, a informação é gerada de uma forma rápida e num volume cada vez maior e mais veloz. Com isso, podemos assistir a uma guerra no Iraque ou a um furacão na Flórida no mesmo instante em que acontecem. Os valores da cultura hegemônica vão se misturando com os valores locais, e todas as culturas se tornam híbridas. Se olharmos para os jovens do Brasil e de alguns países da Europa ou da África, veremos que eles se vestem de forma semelhante e curtem as mesmas músicas.

Em segundo lugar, a economia mundial e globalizada derruba as fronteiras e com as novas tecnologias traz grandes mudanças na área de emprego e trabalho. Menos empregos e mais trabalho é a regra. A flexibilização do trabalho é a norma! Não se precisa mais da mão-de-obra física, mas da mão-de-obra qualificada. Percebe-se sempre mais que alguns têm trabalho bem remunerado e pouco tempo para usufruir uma vida confortável que podem conquistar com o que ganham, ao passo que uma massa cada vez maior de pessoas não tem emprego e tem todo o tempo ocioso sem condições de viver dignamente. A mão-de-obra braçal masculina, tão necessária para a indústria, agora não mais é necessária. Por outro lado, o capital é volátil, e assim também o local de trabalho muda constantemente. Pode-se

---

10 CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 2.

ser atendida pelo telefone, no Brasil, por uma funcionária que trabalha na Índia para uma firma norte-americana. As pessoas não precisam mais se locomover para trabalhar em outro contexto. Os mundos nessa economia globalizada se organizam de forma virtual.

Em terceiro lugar, encontramos os movimentos sociais desencadeados nos anos 60, entre eles o movimento dos direitos humanos (das mulheres, dos negros, homossexuais, estudantes), fazendo com que as mulheres invadam o mercado de trabalho e as universidades. Isso significou que as mulheres nesses quarenta anos questionaram seriamente o papel reservado para elas como dependentes dos homens e assumiram suas vidas. Cabe lembrar que os papéis reservados às mulheres na história foram os de mãe, freira, solteirona ou prostituta. Com a Revolução Francesa, o papel de professora se destina às mulheres e, depois, vamos encontrar o de enfermeira, assistente social e secretária. A função delas era de servir à rede familiar ou à sociedade. Hoje em dia, as estatísticas indicam que, nas universidades, mais da metade dos alunos são mulheres. E isso também a nível internacional. Claro que a nova tecnologia facilitou esse processo e, como Castells enfatiza, são vários fatores que se conjugam.

O quarto elemento é o avanço da biotecnologia, e o exemplo mais marcante é a pílula anticoncepcional que permite às mulheres, pela primeira vez, planejar sua vida. Com o avanço biotecnológico, nas últimas décadas, temos o mapeamento do código genético, as experiências com células-tronco, a fertilização *in vitro*, o aumento da longevidade das pessoas em todos os contextos sociais, a clonagem humana como possibilidade num futuro não distante. Tudo isso traz grandes implicações para a família. Pela primeira vez, a mulher consegue planejar a sua vida e não está mais sujeita a uma gravidez não planejada. Mas também pode planejar quem será o pai de seu filho e, quem sabe, se vai ter um pai para o seu filho. O papel masculino nunca foi colocado em cheque antes, e a mensagem é clara: as famílias podem surgir sem um pai! A longevidade é outro aspecto que questiona as famílias constituídas. Como serão as relações das pessoas vivendo com saúde por muito tempo? Alguns teóricos hipotetizam que teremos casamentos seriais – isto é, as pessoas ficam casadas algum tempo com um parceiro e depois casam com outro. Parece que é o que já estamos vendo no nosso contexto atual.

O poder do homem como chefe de família e todo o sistema econômico baseado no poder masculino entra em colapso. Surge o processo de urbanização, a rede social, e as comunidades passam por um processo de

erosão, desaparecendo ou se transformando em novos modelos sociais. O que se percebe é que há muitos movimentos contra essas mudanças, e encontramos esses principalmente nos movimentos fundamentalistas. Também na igreja cristã vemos grupos extremistas tentando reverter a situação.

## **5 - Entendendo a família como plano de Deus**

A mudança cultural em curso nas últimas quatro décadas é sentida diretamente na estrutura familiar. Temos uma geração de adultos que cresceu em meio ao antigo modelo e se tornou adulta no novo modelo, e uma geração de jovens que nasceu no novo modelo cultural. Sem referenciais seguros, a geração adulta tem insegurança para educar seus filhos. As instituições Igreja, Estado, Família, em torno das quais a sociedade se organizava, perdem a sua relevância como marcos referenciais, e as pessoas se encontram livres para construir suas identidades. Essa liberdade tem o seu lado positivo e negativo. Se, por um lado, estão mais livres de compromissos e têm mais chances para fazer escolhas – com quem e quanto tempo quero estar casado, que profissão quero exercer, que confissão religiosa quero seguir, quero ou não ter filhos, etc. –, por outro lado, as pessoas têm mais riscos devido às rupturas e fragilidades, principalmente, porque no Brasil nos faltam políticas públicas que apóiam a sociedade.

Para a Igreja, a mudança em que a família e a sociedade se encontram é um desafio especial, porque ela precisa alterar seu conceito de família nuclear patriarcal, dando espaço às pessoas que não cabem nas estruturas idealizadas de família: os divorciados, os solteiros, os homossexuais. É um recriar-se como Igreja. Esse desafio serve para a maioria das instituições nesses tempos de mudança. Entendo que a experiência da Reforma protestante possa trazer algum indício para o momento vivido na atualidade. Os protestantes no movimento de Reforma enfatizam que os pais devem preparar o futuro dos filhos, educando-os para as ciências, a fim de que possam ganhar a vida. Assim, a Reforma protestante traz à família o papel educativo dos filhos e empodera o sistema familiar que, por sua vez, reivindica do Estado políticas públicas necessárias para o bem-estar social. Foram novas formas de gerir comunidade num tempo de transição. Apontamos para alguns aspectos a serem considerados nas práticas pastorais e sociais com famílias.

*a) Um convívio igualitário e democrático entre os sexos*

O aspecto positivo dessas mudanças certamente é que o modelo patriarcal de família, aos poucos, se desfaz, e uma forma mais igualitária de convívio vai se impondo. A família patriarcal, onde o homem dispunha de poder sobre os membros da família, trouxe muita dor e sofrimento. Não precisamos ir muito longe para entender a dor e o sofrimento de mulheres e crianças que foram abusadas física e sexualmente. O filme espanhol *Volver*, do diretor Pedro Almodovar, retrata de forma surrealista o sofrimento causado pelo abuso sexual que passa pelas gerações e a vingança das mulheres que se livram dos homens. Uma das perguntas que o expectador se faz é sobre o convívio justo e democrático entre homens e mulheres. Tanto no filme como na realidade, tem-se observado que o modelo de parentela das sociedades antigas está retornando, mas sem um patriarca. Redes familiares, muitas vezes chefiadas por mulheres, vão ganhando espaço nos moldes como já era percebido entre as famílias pobres no contexto brasileiro. É um ecossistema com diferentes formas familiares, onde grupos e indivíduos interagem e se apóiam mutuamente<sup>11</sup>.

*b) A valorização da família pelas gerações jovens*

A idéia de família – não a nuclear burguesa – continua tendo a sua relevância e o seu espaço especial. Nas pesquisas com jovens, a família é a mais valorizada das instituições, mesmo passando por uma crise. São elas as que servem de apoio para os seus membros, pois não há outro lugar para onde ir. Uma pesquisa feita na Alemanha em 2004 revelou, para a surpresa dos pesquisadores, que os adolescentes queriam ter um dia uma família nos modelos tradicionais. Ao que parece, em nenhum outro lugar se recebe o cuidado como na família. Isso os profissionais da área de saúde sabem muito bem. Afinal, quem cuida melhor dos velhos, dos doentes e das crianças? Cabe lembrar as famílias da favela que, num contexto de miséria total, ainda conseguem, mesmo que precariamente, cuidar de seus filhos. A pergunta deve ser: como podemos ajudar as famílias em termos de políticas públicas, de educação e de orientação? A tarefa é “refazer família” no sentido de ela poder ser a instituição que garanta a estabilidade e coerência necessárias para que “uma geração suceda a outra perpetuando a sua humanidade”. E o que vemos no momento é que esse problema continua insolúvel<sup>12</sup>.

---

11 ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

12 GUILLEBAUD, Jean-Claude. **A tirania do prazer**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

c) *Conciliar trabalho e família no contexto do mundo globalizado é uma tarefa imprescindível para a continuidade da família*

Se houve grandes mudanças na vida privada com a diversificação de arranjos familiares, é preciso lembrar também a mudança radical num outro mundo, o mundo do trabalho. Assim como não se fica mais “até que a morte nos separe” num casamento, também não se tem mais um emprego por toda a vida. Se, por um lado, as pessoas colocam cada vez mais seu tempo e afetividade no mundo do trabalho, elas, por outro lado, precisam ser sempre mais flexíveis para atender à demanda do trabalho. Muitas pessoas se sentem mais felizes no emprego do que em casa com seus filhos e cônjuges. A culpa que sentem ao confessar isso é grande.

Há uma incompatibilidade entre esse mundo e o mundo da família. Numa pesquisa realizada com estudantes universitários, verifiquei que os jovens acham difícil conciliar trabalho com a vida familiar por causa da crescente demanda no trabalho. As mulheres jovens percebiam que a maternidade é algo cada vez mais remoto, porque não têm tempo para cuidar de seus filhos. Os jovens são incentivados a investir na sua capacitação profissional, enquanto que os empregos diminuem devido à automação. A tensão em dedicar-se à vida profissional em detrimento à realização na vida afetiva faz com que as famílias se tornem as maiores rivais das empresas.

d) *A inclusão da figura paterna na educação dos filhos*

Uma das conseqüências do aumento de divórcios, de lares chefiados por mulheres é a ausência da figura paterna na educação dos filhos. A pergunta sobre a influência que exerce o papel masculino na socialização dos filhos e qual o *deficit* que sua ausência acarreta tem preocupado vários especialistas na área da psicologia, sociologia e pedagogia. Esse é um fenômeno que se repete tanto em países desenvolvidos como nos em desenvolvimento. No Brasil, a economia neo-liberal tende a agravar esse aspecto, e uma expressiva parte da população masculina de jovens e adultos jovens, desempregada e sem aptidões para ingressar num mercado de trabalho, é confinada em presídios. Em termos *foucaultianos*, parece que vivemos a *grande internação* do sexo masculino: não são mais os pobres deficientes os afastados, mas os homens pobres e supérfluos na sociedade<sup>13</sup>. Por outro

---

13 Nas pesquisas sobre a população jovem das favelas, os dados revelam que a maioria são jovens que foram criados pelas suas mães. Os pais estão mortos, ou estão no presídio? De acordo com os dados do IBGE, 92,2% das vítimas de homicídios no país em 2002 eram do sexo masculino. Entre a população considerada jovem (15 a 24 anos), esse percentual é ainda maior: 93,8%. No nosso país nós perdemos mais de 40 mil homens por ano (45.723 homens somente em 2002) em virtude de homicídios.



lado, preocupa a falta de responsabilidade dos homens em criar os filhos junto à mulher. Nos países do Norte, por exemplo, os casamentos não duram mais de cinco anos e uma grande parte da geração é criada longe da figura paterna. O resultado é uma geração adulta de homens que vivem a *síndrome de Peter Pan*: continuam adolescentes sem assumir compromissos. A crise de identidade masculina e a falta de orientação do papel de gênero entre os meninos trazem conseqüências no desempenho escolar, na disciplina, violência e criminalidade<sup>14</sup>.

*e) A re-valorização da família*

O entendimento de família deve ser ligado com amor e confiança, responsabilidade e liberdade. Onde isso não existe, se instalam a violência, o caos, a negligência e a opressão. Talvez esta também é a saudade por trás da família pensada, na qual os adultos vivem em amor e igualdade, cuidam de filhos que, por sua vez, se sentem seguros e amados. Isso nos liga à história de Natal e à sua mensagem de boa nova. Erik Erickson, que desenvolveu uma teoria do ciclo da vida, entende a fase adulta como aquela em que a tarefa é cuidar da geração mais nova – seja no cuidado direto com nossos filhos ou com outros fora da família, o que pode acontecer no trabalho, onde tentamos deixar um mundo mais digno e justo para as futuras gerações. A tarefa do cuidado da geração mais nova traz consigo desafios e possibilidades. Famílias e comunidade cristã têm a oportunidade de estabelecer um relacionamento mútuo, em que possam celebrar, educar, servir e aconselhar. Esse é o sacerdócio de todos os crentes, o que significa não só dos adultos, mas também de crianças e idosos. Aqui os membros são capacitados e testemunham a sua fé. Isso significa apoiar a nova geração para que ela possa cuidar de seus filhos; em que um pai, mesmo que separado da família, é chamado para assumir junto a responsabilidade para com seus filhos; em que a geração mais velha pode transmitir os valores e as suas tradições culturais para as gerações mais novas em exercício de solidariedade e de comunidade. Entendo que a época de crise em que nos encontramos oferece a oportunidade de buscar caminhos para re-valorizar a família, fortalecendo-a e desenvolvendo novas competências familiares entre os membros, sem incorrer nos erros passados de exclusão e marginalização entre sexos e gerações.

---

<sup>14</sup> A discussão sobre o perigo de uma sociedade sem a figura paterna é descrita no texto de Federn, discípulo de Freud, em 1919, por ocasião do assassinato do imperador austríaco. Essas idéias são retomadas pelo sociólogo Mitscherlich em 1963.

## Referências

- ARIÈS, Philippe. **Centuries of Childhood: A Social History of Family Life**. New York: Vintage Books, 1962.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- BECK-GERNSHEIM, Elisabeth; BECK, Ulrich (Org.). **Riskante Freiheiten**. Frankfurt am Main: Surkamp, 1994.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 2.
- DUBY, Georges (Org.). **História da vida privada: da Europa feudal à Renascença**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. v. 2.
- GUILLEBAUD, Jean-Claude. **A tirania do prazer**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995. v. 4.
- MOKROSCH, Reinhold. Befreit die Kleinfamilie. **Zeitzeichen - Evangelische Kommentare zu Religion und Gesellschaft**, ano 5, n. 4, p. 31-32, abr. 2004.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- ROUSSEAU, Jean-Jaques. **Júlia ou a nova Heloísa**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- STRECK, Valburga Schmiedt; SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. **Imagens da família: dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar**. São Leopoldo: Sinodal, 1996.
- STRECK, Valburga Schmiedt. **Terapia familiar e aconselhamento pastoral: uma experiência com famílias de baixos recursos**. São Leopoldo: Sinodal, 1999.